



UNIRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CARTILHA COMUNICAÇÃO INCLUSIVA

2024

Versão 01



UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Cartilha Comunicação Inclusiva

Produzida no âmbito de pesquisa do
Projeto Extensionista Interinstitucional
“Escola de Campeões”.

2024
Versão 01



Ficha técnica

Equipe de elaboração:

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima

Milena de Souza Martins

Gustavo Alex Farias do Carmo

Juliana Barreto Avelino da Silva.

Prefácio:

Brenda Couto de Brito Rocco.

Audiodescrição de capa e ilustrações disponível ao final do exemplar, cujo roteiro foi realizado pela equipe do Laboratório de Audiodescrição e Produção de Outras Tecnologias Assistivas (LadTecs) da UFRJ:

Audiodescritora roteirista Tânia Alves da Costa;

Audiodescritora roteirista Elza Lopes de Oliveira;

Audiodescritora consultora e revisora Brenda Couto de Brito Rocco.

Narração da versão audiobook:

Milena de Souza Martins.

Equipe extensionista do Projeto Interinstitucional “Escola de Campeões”:

Coordenadora Acadêmica Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima; Pesquisadoras Landi Veivi Guillermo Costilla, Patrícia Machado Goulart França e Thayane Vicente Vam de Berg; Discentes de Pós-Graduação Alice Veridiana de Sousa, Daniel Ramalho de Souza Pereira, Fabiana Nogueira de Oliveira e Milena de Souza Martins; Discentes de Graduação Andressa

Guedes Silva Fernandes, Gustavo Alex Farias do Carmo, Ingrid Northfleet Meister, Jacqueline Ferreira da Silva, Juliana Barreto Avelino da Silva, Leonardo da Silva Vieira e Yumi Ferreira Saka.

Realização:

Ministério da Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

(Unirio)

Núcleo Institucional de Projetos (Nuinp/Unirio)

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC/Unirio)

Instituto Realizando o Futuro (IRF).

Controle de versão:

Versão 01, de 17 de julho de 2024.

ISBN 978-65-86694-20-8

U58 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
Cartilha Comunicação Inclusiva/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; [Equipe de elaboração: Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima ... [et al.]]. – Rio de Janeiro : UNIRIO : Instituto Realizando Futuro, 2024.

1 E-book (32 p.): il.

Produzida no âmbito do Projeto Extensionista Interinstitucional “Escola de Campeões”

1. Integração social. 2. Pessoas com deficiência. 3. Preconceitos. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. II. Instituto Realizando Futuro. III. Lima, Fabiana da Costa Ferraz Patueli. IV. Título.

CDD – 302.23

Sumário

Prefácio.....	5
A importância da comunicação para a inclusão.....	8
Como sermos inclusivos em relação à pessoa com deficiência?.....	10
Como sermos menos sexistas?.....	18
Como sermos antirracistas?.....	21
Como sermos menos preconceituosos?.....	25
Referências.....	27
Anexo - Audiodescrições.....	30

Prefácio

Por Brenda Couto de Brito Rocco
(Professora Doutora e membro do
Núcleo de Acessibilidade e Inclusão - NAI/Unirio).

Na atualidade, vivenciamos um momento em que o conceito de inclusão se tornou cada vez mais fundamental, visto a sociedade complexa e diversa em que vivenciamos.

Essa temática tem sido abordada em diversas áreas da sociedade, incluindo a academia e o cotidiano das instituições e dos sujeitos.

Inclusão não significa uma ação de “pena” ou de “proteção”, mas sim um direito que todos os sujeitos possuem no que tange à igualdade de oportunidades e de tratamento equânime para todos e todas a despeito de seus atributos individuais, sejam eles identidade de gênero, origem étnicas, pessoas com deficiências físicas, mentais, idades, entre outros.

Logo, ao falarmos em inclusão estamos enfatizando que os sujeitos sintam-se valorizados, respeitados e desfrutem de acesso igualitário a recursos e ensejos, participando na sociedade e em tudo que queiram participar e realizar.

Incluir é ter empatia. É perceber que o outro é como nós mesmos e que têm o direito fundamental de serem conhecidos como parte do corpo social e de se envolverem efetivamente em todas as esferas da vida. Logo, podemos falar em inclusão social, educacional, profissional, digital, financeira, cultural, política, entre outras áreas, abordando diversas dimensões da vivência social e propiciando uma convivência igualitária harmoniosa.

Nesse sentido, o Projeto Extensionista Interinstitucional “Escola de Campeões”, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (doravante, UNIRIO), desenvolveu essa magnífica “Cartilha Comunicação Inclusiva”, em que apresenta com maestria informações e procedimentos para a realização e implementação de uma comunicação inclusiva com o intuito de maior conscientização dos sujeitos em relação às ações inclusivas.

Trata de questões que vão desde o conceito de inclusão e de deficiência, passando por questionamentos que nos levam às reflexões sobre nossas posturas quanto sermos inclusivos com as pessoas com deficiências, como sermos menos sexistas, menos racistas e menos preconceituosos.

Amparada em referências de diversas áreas do conhecimento e de legislação, a cartilha promove reflexões e apontamentos que julgo serem primordiais na quebra de barreiras, sejam elas atitudinais, comunicacionais e políticas.

A importância da comunicação para a inclusão.

A comunicação desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão em nossa sociedade. É através da comunicação que as pessoas podem se expressar, compartilhar ideias, sentimentos e necessidades, e estabelecer conexões significativas com as outras pessoas.

Assim, quando falamos de inclusão na comunicação de forma ampla, devemos ficar atentos como incluímos as pessoas relacionadas a grupos minoritários, assim como as pessoas com deficiências, as pessoas que se identificam com o gênero feminino, as pessoas de etnias distintas das reconhecidas como europeias e as pessoas que se relacionam diferentemente com outras pessoas, de forma que sejamos menos preconceituosos e mais acolhedores.

E como fazemos isso?

A comunicação na nossa sociedade pode ser feita de diferentes formas, seja por meio de símbolos, seja por meio da Língua Portuguesa, Língua indígena ou a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Assim, por meio de diferentes conjuntos estruturados de signos podemos nos comunicar num mesmo grupo social:

- Incluindo a pessoa com deficiência;
- Sendo menos sexista;
- Sendo antirracistas;
- Sendo menos preconceituosos.

Juntos, podemos construir um mundo mais inclusivo e acolhedor para todas as pessoas.

A vida é dinâmica e estamos em constante evolução, por isso precisamos sempre estarmos atentos e atentas nas formas em que todas as pessoas se sintam representadas e incluir essas formas na nossa maneira de viver. É importante que a escuta seja o principal meio para essa mudança ocorrer, pois, sem escutar a forma como a outra pessoa se sente respeitada, muito provavelmente não compreenderemos a importância de mudarmos. Portanto, aqui, nesta cartilha, além de explicar a importância, iremos trazer exemplos práticos de como aplicar isso no dia a dia.

Como sermos inclusivos em relação à pessoa com deficiência?

Para as pessoas com deficiência, uma comunicação eficaz é muito importante, pois pode ser a chave para superar barreiras e garantir sua participação plena na sociedade.

Assim, alguns dos benefícios da comunicação para a inclusão são:

- **O empoderamento:** a comunicação eficaz capacita pessoas com deficiência a se fazerem ouvir, a defender seus direitos e a serem agentes ativos em suas vidas e comunidades.
- **A acessibilidade:** uma comunicação inclusiva, que considere diferentes formas de expressão e necessidades, garante que todos tenham a oportunidade de se envolver e participar plenamente.
- **A conexão Social:** através da comunicação, as pessoas com deficiência podem estabelecer laços sociais, construir relacionamentos significativos e evitar o isolamento.

-
- **O aprendizado e desenvolvimento:** a comunicação eficaz é essencial para o acesso à educação, ao emprego e ao desenvolvimento pessoal, permitindo que todos alcancem seu potencial máximo.

Neste contexto, dentre as estratégias para promover a comunicação inclusiva citamos:

- **A utilização de tecnologias assistivas:** recursos como comunicação aumentativa e alternativa (CAA), aplicativos de tradução de texto para fala e outras tecnologias podem melhorar a comunicação para pessoas com deficiências.
- **O treinamento e a sensibilização:** promover a conscientização sobre as diferentes formas de comunicação e as necessidades das pessoas com deficiência pode ajudar a criar ambientes mais inclusivos e acolhedores.
- **A adaptação de ambientes:** garantir que os espaços físicos e virtuais sejam acessíveis e adaptados às necessidades de comunicação de todas as pessoas é essencial para promover a inclusão.

Ao promover uma comunicação inclusiva, não estamos apenas facilitando a participação de todas as pessoas na sociedade, mas também enriquecendo nossas comunidades com uma diversidade de experiências e perspectivas. Por isso, precisamos sempre estar disponíveis para escutar as pessoas para podermos melhor acomodá-las.

Pois, como demonstra a figura a seguir: [início de citação] “A deficiência não é uma barreira. A discriminação É [fim de citação]. Abaixo há um texto na cor azul com destaque para a frase [início de citação] “Deficiência não é incapacidade” [fim de citação]. Pois, [início de citação] “Pessoas com deficiência têm tanto potencial para realizar seus sonhos quanto qualquer outra” [fim de citação].



Há algumas mudanças na comunicação que podemos fazer para que determinados grupos possam ser incluídos.

Pessoas com deficiência foram e são marginalizadas de diversas maneiras na nossa sociedade. Imaginar que, antigamente, a deficiência era confundida com uma doença ou um distúrbio e que as pessoas eram “tratadas” da mesma forma em um mesmo espaço (hospital psiquiátrico - “hospício ou asilo”) é triste e revoltante. Com muitos estudos e lutas esse cenário foi mudando gradativamente.

A luta antimanicomial foi uma das grandes propulsoras da mudança, pois, mostrou como essa exclusão/marginalização, principalmente das pessoas com distúrbios mentais, tinha como consequência formas de tratamentos desumanos dentro dos hospícios. E por meio da tragédia que ocorreu no “Hospício de Barbacena” tomamos conhecimento de que não eram só pessoas com distúrbios mentais que iam para o hospício, mas também pessoas com deficiência, pessoas que perdiam o documento, mulheres com “histeria” e muitas outras pessoas que não aparentavam precisar de um tratamento, como conta a jornalista e pesquisadora Daniela Arbex no livro [Holocausto brasileiro \(2013\)](#).

Nós, enquanto sociedade, preferimos excluir essas pessoas do que compreender que elas merecem conviver em sociedade com os seus devidos tratamentos quando necessário.

A deficiência não é uma doença!

A deficiência é uma característica da pessoa e essa característica pode ser dividida em:

- **Deficiência física:** pessoas cuja deficiência compromete um ou mais segmentos do corpo, que é proveniente, por exemplo de paralisias, amputações, baixa estatura, paresias, malformações congênitas, entre outras;
- **Deficiência intelectual:** pessoas que possui diferentes tipos de déficit cognitivo, de habilidades adaptativas, de apoios e outros fatores;
- **Deficiência sensorial:**
 - pessoas com deficiência visual que pode se dividir entre pessoa cega e pessoa com baixa visão;

→ pessoas com deficiência auditiva em diferentes graus de audição e surdez, pessoas com baixa audição, pessoas surda, pessoas surda sinalizante, pessoas surda oralizada, pessoas surdocega;

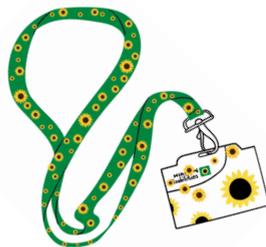
- **Deficiência múltipla:** pessoas que têm duas ou mais deficiências concomitantemente.

E também há as pessoas com mobilidade reduzida em razão da idade ou estado apresentam dificuldades para se movimentar, mesmo que de forma temporária.

Compreender isso já nos ajuda a mudar pensamento para assim mudar as nossas inclusive na forma de se comunicar.

Agora, como podemos ser mais inclusivos na comunicação?

Não utilize os termos em desuso ou pejorativos, tais como “pessoa portadora de deficiência”, “deficiente” e “excepcional”, pois são termos inadequados para se referir à pessoas e nem diz respeito à deficiência.



O termo que traz a palavra “portar” significa que você carrega algo e que em algum momento você pode deixar de lado esse algo que você está levando, porém uma deficiência não é algo que uma pessoa consiga deixar de lado ou parar de portar/carregar.

O termo “deficiente” é inadequado, pois, reduz a pessoa em sua deficiência, traz a ideia de que a pessoa é a própria deficiência, sendo que a pessoa é uma pessoa independente de suas características.

O termo “excepcional” foi utilizado entre as décadas de 1950 e 1970 para se referir à pessoa com deficiência intelectual. Mas, o termo está em desuso, tendo em vista o valor pejorativo que assumiu ao longo das décadas.

Utilizar termos inadequados ou ofensivos é uma forma de ser capacitista. Mas afinal, o que é capacitismo?

É uma das formas de discriminação que subestima ou segrega a pessoa em razão de sua deficiência seja por intermédio da comunicação pejorativa ou inadequada, de práticas sociais e atitudinais excludentes, ou até mesmo em razão de barreiras físicas impostas por urbanismo, arquiteturas e

transpostes impróprios para o livre exercício de ir, vir e permanecer de todas as pessoas.

Observa-se que tal ato é considerado discriminação pela [Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência \(Estatuto da Pessoa com deficiência\)](#), no que concerne o artigo 4º:

[Início de citação] § 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas [fim de citação].

Agora que entendemos o que fazer para termos uma comunicação mais inclusiva, incluindo a não utilização de termos capacitistas, é hora de colocarmos em prática e lutarmos por uma sociedade mais justa e respeitosa. Pois, o dever sobre essa mudança é de todas as pessoas, a vida é dinâmica e precisamos evoluir com ela, inclusive na comunicação.

Como sermos menos sexistas?

O sexismo é um problema persistente em nossa sociedade, manifestando-se em atitudes, crenças e comportamentos que discriminam ou marginalizam as pessoas com base em seu gênero. Para construirmos uma sociedade mais justa e igualitária, é essencial que todos nós trabalhemos para combater o sexismo em nossas vidas diárias. Abaixo, há algumas maneiras pelas quais podemos ser menos sexistas:



- **Reconhecer e desafiar os próprios preconceitos:** o primeiro passo para combater o sexismo é reconhecer que todos nós temos preconceitos e estereótipos enraizados. Reflita sobre suas próprias crenças e atitudes em relação aos gêneros e desafie aquelas que são prejudiciais ou injustas. Seja honesto consigo mesmo e esteja disposto a mudar.
- **Educar-se sobre questões de gênero:** leia, assista a palestras e participe de discussões sobre questões de gênero. Aprenda sobre a história do movimento feminista, os desafios enfrentados pelas mulheres e pessoa de

outros gêneros, e como o sexismo se manifesta em nossa sociedade. Quanto mais você se educar, mais poderá identificar e desafiar o sexismo.

- **Usar uma linguagem inclusiva:** a linguagem que usamos pode reforçar ou desafiar o sexismo. Evite usar termos e expressões que sejam sexistas ou que excluam certos gêneros. Use uma linguagem que seja inclusiva e respeite a diversidade de gênero.

Assim, ao se dirigir às pessoas de diferentes gêneros, prefira realizar a marcação dos dois gêneros ao invés de optar por uma marcação no plural que remete de forma prevalente o masculino, inviabilizando o gênero oposto, como por exemplo: “prezados e prezadas” ao invés de somente “prezados”; “alunos e alunas” ao invés de apenas “alunos”; além de outras construções, como “a humanidade” ou “os seres humanos” ao invés de “o Homem” quando for expressar o valor das palavras similares. Outra dica é utilizar “a chefia” ao invés de “os chefes”, “a direção” ao invés de “os diretores”, “a coordenação” ao invés de “os coordenadores”. São mudanças no dia a dia que incluem o gênero feminino, utilizando

os aspectos linguísticos do meio de comunicação dos seus enunciadores.

- **Apoiar a igualdade de gênero:** apoie ativamente a igualdade de gênero em sua vida pessoal e profissional. Defenda os direitos das mulheres e pessoas de outros gêneros, e trabalhe para criar ambientes mais equitativos e inclusivos. Seja um aliado e use seu privilégio para amplificar vozes marginalizadas.
- **Ensinar a próxima geração:** ensine as crianças a respeitar a igualdade de gênero desde cedo. Desafie os estereótipos de gênero e incentive a seguir seus sonhos, independentemente de seu gênero. Seja um modelo positivo de igualdade de gênero.

Combater o sexismo é um processo contínuo que requer esforço individual e coletivo. Ao reconhecer nossos próprios preconceitos, educar-nos sobre questões de gênero, usar uma linguagem inclusiva, apoiar a igualdade de gênero e ensinar a próxima geração, podemos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todos os gêneros.

Como sermos antirracistas?

Uma das principais falas dos movimentos ligados à defesa dos direitos de negras, negros e indígenas na atualidade foi primeiramente desenvolvida pela professora e ativista Angela Davis que dizia: [início de citação] “numa sociedade racista não basta não ser racista é necessário ser antirracista” [fim de citação], que logo foi atribuída ao livro da autora Robin DiAngelo de nome **Não basta não ser racista: sejamos antirracistas** de 2018.

Contudo, ao entender o processo de hierarquização étnica e da branquitude como hegemonia que detém os meios de exploração, torna-se cada vez mais importante o entendimento da cultura negra e a formação de uma sociedade antirracista inclusiva, onde os brancos abandonam a ideia de superioridade e atuam no combate ao racismo, não como protagonistas mas como aliados do movimento negro e indigenista, construindo uma sociedade civil que inclua pautas que acolha os interesses dos povos originários na formação de políticas públicas e desmembre essencialidades moldadas sobre os povos da terra, que ainda no século da informação são estigmatizados como seres que não evoluíram perante a sociedade capitalista.

Dessa forma, abandonar ideais ocidentais reproduzidos no período colonial e enraizados na sociedade brasileira pode ser um começo para a formação do pensamento antirracista, como dizia o filósofo Frantz Fanon com obras no campo dos estudos pós-coloniais diz que [início de citação] “O racismo não é um fenômeno natural. Ele é produzido e reproduzido socialmente” [fim de citação], ideia alinhada com as discussões presentes em sua obra mais influente chamada de [Pele negra, máscaras brancas de 2008](#). Assim, problematizar visões das relações étnico raciais que por muito tempo foram romantizadas por indivíduos e pensadores, como Gilberto Freyre que desenvolveu o [início de expressão] “mito da democracia racial” [fim de expressão] criando a ideia de harmonia entre os povos, o que não pode apagar o real processo de formação da sociedade brasileira, onde a população negra e nativa sofreu exploração e etnocídio.

Portanto, precisa-se compreender a grande diversidade cultural no Brasil e nos continentes, identificando as diferentes realidades dos povos, de acordo com seus contextos históricos e culturais, buscando entender a complexidade da cultura afro e nativa, resgatando a essência ancestral contra o

apagamento histórico racista, para assim, conduzir a sociedade contemporânea a ser antirracista.

E ao se expressar, faça de forma consciente, evite expressões naturalizadas no cotidiano que podem reforçar o racismo, conforme [Dicionário de expressões \(anti\) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano de 2021](#). Então, prefira as seguintes colocações ao invés de expressões racistas, que associam a cor preta a algo negativo: “a situação está difícil ou complicada” ao invés de “a coisa tá preta”; “mercado clandestino, lista proibida, humor ácido” ao invés de “mercado negro, lista negra, humor negro”; “pessoa ruim ou diferente” ao invés de “ovelha negra”. O contrário também deve ser evitado, preferindo “admiro o que você fez” ao invés de “inveja branca” (que reforçam o aspecto positivo da palavra branca em relação à preta).

E outras expressões também devem ter preferência: “mesa de cabeceira” ao invés de “criado-mudo” (que entre outras explicações remetem às pessoas escravizadas que ficavam ao lado dos seus senhores segurando objetos sem poder falar); “difamar ou



O antirracismo
é um dever de
todos os dias.

caluniar” ao invés de “denegrir” (que significa tornar negro, relacionado diretamente a pessoa negra ao sentido pejorativo de difamação); “mal feito” ao invés de “feito nas coxas” (que tem origem na fabricação de telhas de argila que eram feitas nas coxas dos escravizados).

E quando for se referir aos povos originários, povos tradicionais ou indígenas, conheça a origem das etnias e as identifique corretamente quando lhe for fazer uma referência ao invés de reduzir essas nações a “índios ou índias” que é um termo em desuso pelo valor pejorativo que lhe foi agregado ao longo da história das relações humanas no país.

Acolher pessoas traz novas perspectivas sociais e culturais e se comunicar de forma representativa e não racista, assim como conhecê-las são algumas dessas formas.

Como sermos menos preconceituosos?

A palavra preconceito já estabelece em si um conjunto de símbolos, sendo "pré-conceito" aquilo que já está subjugado com juízo de valor muitas vezes baseado em estereótipos sobre uma pessoa ou grupo, sem um conhecimento justo e adequado. Esse julgamento antecipado pode ser negativo ou positivo, embora geralmente seja usado em um contexto negativo. Dessa forma, o preconceito disseminado resulta em discriminação e pode estar relacionado a fatores como raça, etnia, gênero, orientação sexual, idade, religião, ou classe social.



O preconceito atua como um conjunto de ideias sistematizadas e qualificadas em razão daquilo que o indivíduo mantém consigo como padrões a serem seguidos, seja pela idealização do “normal” ou “natural”, que pode levar à discriminação de pessoas por meio do uso de comunicação e atos violentos, a exclusão social e a violação de direitos humanos.

Um exemplo de discriminação é quando uma pessoa é impedida de receber atendimento médico por causa de sua orientação sexual.

Para não reproduzir essas essencialidades que permeiam em todas as esferas sociais é necessário um esforço consciente e contínuo. Buscar informação e aprender sobre diferentes culturas, grupos sociais e suas histórias pode ajudar a dismantelar estereótipos e preconceitos.

Leitura, documentários e conversas com pessoas de diferentes etnias são de extrema importância para formação de uma consciência não preconceituosa, tentar entender as experiências e as perspectivas de outras pessoas criando laços sociais com diferentes visões de vida amplia a compreensão. Além de se fazer necessário o autoconhecimento, refletir sobre nossos próprios preconceitos se torna um passo crucial. Estar ciente dos próprios julgamentos e questionar suas origens pode ajudar a valorizar a diversidade, reduzindo os preconceitos.

Portanto, entender seu papel como indivíduo em desconstrução do que é considerado “natural” ou “normal”, adotando práticas inclusivas pode ajudar a diminuir preconceitos e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE BELO HORIZONTE (Brasil). [Ressignificando a vida da pessoa com deficiência](#). Acesso em: 07 de junho de 2024.

ARBEX, Daniela. [Holocausto Brasileiro](#). 1ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2013. Acesso em: 7 de junho de 2024.

BRASIL. [Cartilha de Orientação para Construção de Conteúdo Acessível no gov.br](#). 2022. Acesso em: 07 de junho de 2024.

BRASIL. [Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência \(Estatuto da Pessoa com Deficiência\)](#). 2015. Acesso em: 07 de junho de 2024.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA (Brasil). [Dicionário de expressões \(anti\) racistas: e como eliminar as microgressões do cotidiano](#). 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2021. Acesso em: 13 de junho de 2024.

DIANGELO, Robin. **Não basta ser racista**: sejamos antirracistas. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FANON, Frantz. [Pele negra, máscaras brancas](#). 2008. Acesso em: 14 de junho de 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Brasil). [Capacitismo: o que é, como combater e por que é tão importante falar sobre o tema](#). 2024. Acesso em: 07 de junho de 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Brasil). [Glossário de Termos Indígenas](#). Acesso em: 13 de junho de 2024.

GOI, Vivian. [Acessibilidade na Comunicação](#). Módulo 1: Conceito biopsicossocial, terminologia e demografia da pessoa com deficiência. Brasília (DF): ENAP, 2021. Acesso em: janeiro de 2024.

GREGOLI, Roberta; NUNES, Jader de Sousa Nunes; BARBOSA, Fabiany Glaura Alencar e. [Inclusão de gênero na ponta da língua](#). Brasília (DF): ENAP, 2022. Acesso em: 20 de dezembro de 2023.

HUMAN RIGHTS CHANNEL. [Sexismo: repare nele, fale dele, acabe com ele](#). Acesso em: 07 de junho de 2024.

IIGUAL INCLUSÃO E DIVERSIDADE. [Saiba trabalhar a comunicação sobre a diversidade e inclusão em uma instituição](#). Acesso em: 24 de maio de 2024.

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA (Brasil). [A audiodescrição e o uso dos seus princípios nas descrições informais \(página\)](#). 2021. Acesso em: 07 de junho de 2024.

LIBRARIA. [Comunicação Inclusiva: uma Necessidade Vital no Mundo de Hoje](#). Acesso em: 07 de junho de 2024.

UINHUB. [A importância da comunicação acessível e inclusiva](#). 2021. Acesso em: 24 de maio de 2024.

SAMI SAÚDE. [Tudo sobre sexismo: o que é e como combater](#). 2022. Acesso em: 9 de junho de 2024.

TERRA. [Conheça Maya Angelou, autora citada em discurso inspirador de 'A Barraca do Beijo 2'](#). 2020. Acesso em: 24 de maio de 2024.

SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall; TURCATTI Alissa. [Manual de Acessibilidade em Documentos Digitais](#). Bento Gonçalves (RS): Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2017. Acesso em: 07 de junho de 2024.

SASSE, Cintia. [Capacitismo: Subestimar e excluir pessoas com deficiência tem nome](#). In: AGÊNCIA SENADO, Brasília (DF), 2020. Acesso em: 07 de junho de 2024.

Anexo - Audiodescrições

Audiodescrição da capa.

Capa, em fundo azul marinho. Na lateral esquerda, no canto superior, o vértice de um quadrado, em azul escuro. No canto inferior, dois vértices de um quadrado, em azul claro. Centralizado no meio da capa, o título, em branco: **CARTILHA, COMUNICAÇÃO INCLUSIVA**. Na lateral direita, a logo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) entre dois segmentos de retas verticais, azul claro. Centralizado no rodapé, em letras brancas, **2024, Versão 01**.

Audiodescrição da ilustração, na página 12.

No canto inferior esquerdo da página, um card, com fundo rosa claro. No topo desse, um título, em verde: “A deficiência NÃO é uma barreira. A discriminação É”. Na lateral esquerda, o texto: “**Deficiência não é incapacidade**. Pessoas com deficiência têm tanto potencial para realizar seus sonhos quanto qualquer outra”. Na lateral direita, a ilustração de uma mulher branca sentada numa superfície, de costas, com o rosto de perfil, à direita. Ela tem cabelos lisos abaixo dos ombros e franja. Usa uma camiseta listrada e uma calça. A perna esquerda está flexionada e a da direita estendida; com um pincel entre os dedos do pé. Ela pinta uma tela sobre um cavalete, à frente dela. Entre a mulher e o cavalete, estão: um pincel, uma paleta de cores e um copo.

Audiodescrição da ilustração, na página 15.

Na lateral direita da página, a ilustração de um crachá pendente a um cordão verde com girassóis. Identificação das pessoas com deficiências ocultas.

Audiodescrição da ilustração, na página 18.

Na lateral direita da página, a ilustração da silhueta de duas mulheres, vistas de frente até o quadril, em roxo. Elas estão uma ao lado da outra. A palma esquerda de uma está encostada na palma direita da outra, acima das cabeleiras delas. A mulher da esquerda tem os cabelos curtos, crespos e volumosos e a da direita, cabelos longos, lisos e presos no alto da cabeça.

Audiodescrição da ilustração, na página 23.

Na lateral direita da página, o texto, em branco: “**O antirracismo é um dever de todos os dias**”. Sobre a ilustração de um triângulo isósceles verde, na horizontal. O vértice oposto à base aponta para o texto.

Audiodescrição da ilustração, na página 25.

Na lateral direita da página, a ilustração de três punhos em riste, com cores diferentes. Da esquerda para a direita: marrom; preto e bege.

[Narração disponível:](#)



Realização:



Audiodescrição da imagem: Logotipo do Ministério da Educação em preto em conjunto com o logo do Governo Federal multicolorido sob fundo branco. **Fim da descrição.**



Audiodescrição da imagem: Logo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em conjunto com o logo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura em azul claro e escuro. **Fim da descrição.**



Audiodescrição da imagem: Logo em azul claro sob o fundo branco representado por um círculo vazado, dividido por uma silhueta de rosto de lado que está inclinada para a direita, seguido pelo nome da instituição estilizado em preto: "INSTITUTO, REALIZANDO, O FUTURO". **Fim da descrição.**

